



Sol escaldante eleva temperatura, mas não demove fiéis da veneração ao Senhor do Bonfim

Prova de fé

Alexandre Lyrio

Arrogante, o sol desdenha da alma mais habituada a penitências, arde na pele mais endurecida pelo sacrifício, expia o mais sólido e obstinado pecador. Quase 720 mil fiéis, segundo estimativa da Polícia Militar, número que chega a um milhão se computadas áreas periféricas. A maioria vale-se da fé para resistir ao purgatório de exatos 8km, distância que aparta as igrejas da Conceição da Praia e do Bonfim. O calor infernal é um teste para os fiéis, devotos de Senhor do Bonfim, ou Oxalá, um dos orixás mais respeitados do candomblé. Aqueles que se isentam de qualquer obrigação religiosa também enfrentam o mormaço para cumprir o mais diverso e popular rito baiano.

O cortejo principal partiria mais cedo esse ano, o que evitaria sol a pino logo na saída. Mas o ato ecumênico na frente da Conceição da Praia teve discurso de um sem número de seitas religiosas, e atrasou o início em pelo menos uma hora. Líderes católicos, protestantes, espíritas, judaicos e do candomblé serviam-se de agradável sombra, gentilmente oferecida pela fachada da igreja. Enquanto isso, sob temperatura inclemente, a multidão quita os seus primeiros pecados. "Hoje tá demais", atesta uma das baianas, a dona de casa Cleonice Barbosa Araújo, 59 anos, uma senhora de estatura diminuta, com pouco mais de 1,50m de altura, e 11 anos de caminhadas no Bonfim. Logo depois, arremata com conhecido jargão. "Quem



Claudinor Junior

Debaixo de muito calor, devotos renovaram promessas de fé ao lado de políticos e veteranos foliões

tem fé vai a pé."

São 9h30 e os termômetros da cidade baixa marcam 35°C. Talvez pela atmosfera ardente, o cortejo se dispersa pelo caminho. Outros grupos, como os dos políticos, são mais coesos, apesar de também mais sófregos com a temperatura descomunal. Além do calor e da ida-de avançada, suportam o assédio de arvorados eleitores. A passagem do governador Jaques Wagner, ao lado do ministro Waldir Pires e do prefeito João Henrique causa pequeno tumulto na largada do percurso. "Afasta, afasta, afasta", bertram seguranças, na tentativa de fazer com que as autorida-

des cheguem ao destino sãs e salvas. Os esforços não impedem que o ministro da Defesa arquee, como se o céu de brigadeiro não lhe oferecesse tré-gua, apesar da crise aérea temporariamente superada.

Somente no Comércio os andantes podem gozar de aprazível sensação de conforto ambiental. Deleitam-se em meio a árvores e edifícios empresariais, que impedem a passagem dos raios solares e torna o local irresistível para os mais diversos tipos de manifestação. É onde se dá o auge da extravagância, da peculiar democracia bonfina. "A Lavagem do Bonfim resume o espírito do povo brasi-

leiro", decreta o cobrador de ônibus travestido em "Ailton Sena", com direito a capacete verde e amarelo e patriotismo. Ali se concentram desde rodas de capoeira a grupos de teatro. Livres da "estufa", tocadores de instrumento de sopro podem, enfim, encher os pulmões, e fanger com mais força os ouvidos dos passantes com agradáveis sambas, axés, pagodes e arro-chas.

A rápida passagem defronte ao Corpo de Bombeiros, na Baixa dos Sapateiros, traria novo alento. O esguicho de água de um dos caminhões é refresco bem vindo. Faz transparecer os seios sem sutia de uma

jovem. "Esqueci que estava de branco", justifica, com sorriso irônico, como que se fingindo de desavisada. Prefere não se identificar, mas segue como se nada tivesse acontecido. Mais à frente, bem no núcleo do calor, os turistas são verdadeiros heróis. A maioria muda de cor durante o percurso. A inglesa Kate Joyner, 24 anos, despreza a vermelhidão que conquista o seu corpo. Diverte-se com os personagens da festa. No Largo de Roma, um bêbado zomba do coral de música que se apresenta no palco, enquanto um "Charlín Chaplin" passa saltitante e faceiro, no melhor estilo Carlinos.

A essa altura muitos ficam pelo caminho. Esquecem o sagrado, apegam-se ao profano. Preferem a percussão de bandas sem compromisso. Seguem sem destino. Andam no sentido contrário e esbarram-se com os Filhos de Gandy e outros tantos blocos de afoxé. Não resistem ao ritmo, tocado pelo reduzido "tapete branco", não menos empolgante que no Carnaval. "A gente fica aqui vendo a banda passar", parafraseia o estudante Edvaldo Lopes Ribeiro, de 22 anos, que foi com grupo de amigos despreocupados. Passaram o dia esbaldando-se em isopores de cerveja gelada ou travando a língua com batidas de maracujá e tamarindo. Movidos pelo simbolismo que envolve a chegada, há os que simplesmente insistem em caminhar. Partem com fé em direção à Colina Sagrada, ainda que não tenham penitência a cumprir. O carro de som martela incessantemente o Hino ao Senhor do Bonfim. Na frente da igreja, sob a mesma trilha sonora, uma multidão espera o cortejo e as autoridades. Frágeis beatas sucumbem ao calor. São carregadas por policiais até o posto médico, ao lado da igreja. Assim que o governador sobe o adro do templo católico, inicia-se a lavagem propriamente dita. O mormaço agora se mistura à fragrância da água-de-cheiro. As baianas saúdam nativos e turistas com o líquido sagrado. O rito se repete desde 1754, com a diferença de que o sol castigou um pouco mais esse ano. Manteve-se a pino, arrogante, como que testando a fé do povo baiano.

Benévolos favores do Nosso Senhor

A parte profana da lavagem não consegue apagar a fisionomia sacro-religiosa da festa. Ainda há, e em grande número, os que vão ao Bonfim pela fé. Os que receberam benévolos favores de Nosso Senhor são como testemunhas vivas de graças recebidas. "Ano passado estive aqui de muletas.

Hoje vim agradecer a minha cura", justifica a artesã Silvana Gonçalves, 28 anos, vítima de atropelamento.

Com a justificativa de ter ganhado questão na Justiça depois de 14 anos de processo, o aposentado Wamberto Alves de Brito, 72 anos, acompanha os 8km de cortejo há mais de 50 anos.

"Comprei minha casa de praia e meu carro com o dinheiro", revela. Revezas nas costas os filhos de três e cinco anos, futuros devotos do padroeiro da Bahia. "Assim eles aprendem a ter fé", observa.

Doenças terminais, dividas impagáveis, amores perdidos. Nada é tão ruim a

ponto de fugir dos designios divinos. Trata-se do próprio Filho de Deus, ou o mais respeitado dos orixás. "Senhor do Bonfim livrou meu marido da morte. Ele se curou de um câncer fatal", diz a professora Aldair Prato, 48 anos, vinda de Itanhém, no extremo sul da Bahia. "Enfrento a distância", garante.

PERFIL/GERÔNIMO

Verdadeiro nome de Oxalá

Claudinor Junior

A idéia do cantor Gerônimo foi uma das novidades da lavagem deste ano. Com banda de percussão e uma imensa tenda carregada pelos integrantes, o bloco Orishalá saiu à frente no percurso. Furou a fila com o objetivo de venerar o orixá africano e chamar a atenção dos devotos para o verdadeiro nome de Oxalá, que segundo o cantor deve se chamar Orishalá. Até mesmo o cortejo das baianas ficou para trás. "É uma campanha contra a intolerância religiosa. Deus ama o povo do candomblé", acredita Gerônimo.



Gerônimo botou o bloco na rua na festa do Bonfim

QUEM TEM FÉ VAI A PÉ

Foto de Paulo M. Azevedo



"É A BELEZA da festa que me traz aqui. O povo de branco pelas ruas, as manifestações populares, os testemunhos de fé. Estou desempregada, mas não vim pedir emprego. Vim agradecer".

JEANE PEREIRA DE JESUS, 37 anos, desempregada

"PASSE! de morrer há cinco anos. Tive um traumatismo craniano e pedi a Senhor do Bonfim que me curasse de todos os males. Agora estou aqui, viva"

CRUZA SANTOS SILVA, 35 anos, Diarista

